

Laboratório de Ensino

“PULSÕES E SEUS DESTINOS” (1915)

Flávia Lana Garcia de Oliveira (Doutoranda em Teoria Psicanalítica pela UFRJ – Bolsa CAPES no Brasil e Bolsa doutorado sanduíche FAPERJ – Université Paris-Diderot Paris 7)
Manuella Itapary Ribeiro Moreira (Graduada em Psicologia pela PUC-Rio - IC)

O escrito “Pulsões e seus destinos” inaugura a série de artigos preparada por Freud ao longo da década de 1910 e que marcam uma sistematização conceitual dos principais pilares teóricos da psicanálise até então – pulsão, recalque, inconsciente, sublimação, histeria de conversão, neurose obsessiva, neurose de transferência, luto, melancolia etc. Freud denomina essa reunião de definições psicanalítica de metapsicologia. A metapsicologia para Freud tinha a pretensão de ultrapassar o alcance da psicologia da consciência, apontando para um para além que toca a potência constitutiva e explicativa do sofrimento psíquico do inconsciente. Mas também se propõe a escapar e a se diferenciar do vazio e infrutífero devaneio filosófico da metafísica (FREUD, 1898). A ideia de uma construção metapsicológica que ancore a teoria psicanalítica comparece em 1896 como uma “cria ideal e problemática” (*apud* GAY, 1989), o decorrer de seu avanço elaborativo permite a perspectiva da publicação de um livro composto pelos artigos metapsicológicos. Tal projeto acaba não se efetivando, temos nessa época um Freud afetado pelos efeitos da guerra. Temos acesso parcial ao que chegou a ser publicado deste material ao longo dessa década de grande produção. Muito tempo depois, no artigo “Análise terminável e interminável”, Freud (1937) reverencia a importância do recurso à teorização metapsicológica, ou, conforme a expressão que utiliza, à “metapsicologia da feiticeira” como o método essencial que nos permite nos dar um passo a frente diante dos desafios colocados pelo processo analítico.

Outra observação preliminar, porém fundamental, a respeito desse artigo metapsicológico que tematiza a economia das pulsões diz respeito aos impasses quanto à tradução, o que nos conduz de modo interessante a uma maior depuração do que está em jogo nesse conceito. A confusão entre os termos instinto e pulsão é um problema que perpassa as diversas traduções da obra freudiana. O termo instinto chega às edições brasileiras através do termo *instinct* (“instinto”) escolhido na versão inglesa. Esse equivalente inglês e não de outras possíveis alternativas como *drive* (“impulso”) e *urge* (“ânsia”) desvirtua a conotação presente no original alemão *trieb*. Na língua alemã, essa palavra possui um uso cotidiano atrelado a ideia de *pressionar para*, ou *compelir a*. Há um distanciamento de *trieb* da conotação biológica que o termo *instinct* comporta. Freud valoriza a pulsão enquanto representante psíquico de um impulso que opera a nível corporal, no entanto, ao contrário do instinto, não se trata aqui de um caminho de um aparato pré-estabelecido, hereditariamente fixado e de padrões de comportamento voltados para objetos específicos. A sexualidade humana é marcada pela ausência de objetos definidos antecipadamente, a erogeneização do corpo que estrutura os circuitos pulsionais são absolutamente contingentes, a pulsão irrompe como uma exigência de trabalho que para cada um seguirá um traçado particular, ainda que não sem relação com os objetos fornecidos pela civilização.

Freud inicia esse texto acentuando o rigor científico buscado por ele no desenvolvimento dos conceitos metapsicológicos. Percebemos sua forte tentativa de validar as noções psicanalíticas de acordo com o crivo da ciência. O alcance da legitimidade científica situa-se na formulação de conceitos claros e bem definidos a partir da descrição dos fenômenos, de seu agrupamento e classificação. Entretanto, dificilmente a psicanálise se enquadraria nesses preceitos, uma vez que seus termos não possuem tamanha objetividade, sendo passíveis de revisão. Além disso, sua prática clínica vai muito além da simples observação e classificação dos fenômenos que surgem durante o tratamento. Nesse sentido, Freud logo situa como problemático esse laço entre a psicanálise e a objetividade empírica. Em suas palavras:

"mesmo na fase de descrição, não é possível evitar que se apliquem certas ideias abstratas ao material manipulado, ideias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações" (FREUD, 1915/1996, p.123). Somente depois de uma investigação mais completa que contemple todos os seus conteúdos, dos mais nítidos aos mais incertos, é que podemos formular conceitos científicos básicos e com maior exatidão, para que se tornem úteis nas mais diversas áreas.

Numa aproximação que dialoga com a fisiologia, Freud afirma que a pulsão não se equipara ao estímulo arco-reflexo. A pulsão estaria desarticulada de uma noção de estímulo vinculada ao modelo arco-reflexo de descarga das excitações. O mecanismo arco-reflexo se caracteriza pela erradicação do estímulo que alcança o organismo vivo de fora por meio de uma ação externa e involuntária. Esse processo automático remove eficazmente a atuação do estímulo. Já a pulsão não atua como algo não pertencente ao psiquismo, exterior, mas sim como algo que reside no âmago de sua constituição. Diferente do estímulo que atua como um impacto único, podendo ser removido por uma só ação, a pulsão jamais incide a partir de um impacto momentâneo, é sempre uma força constante. Portanto, não há como removê-la ou dissolvê-la, não há como fugir das pulsões, uma vez que ela integra o funcionamento psíquico. Em suma, a pulsão se origina em fontes dentro do organismo e irrompe como uma força constante e imune a qualquer ação de fuga.

Freud vai sustentar um elo muito estreito e particular entre o corpo e a mente. O conceito de pulsão permite esse entrecruzamento. A dimensão pulsional designa a representação psíquica de excitações que chegam ao corpo:

"A pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo" (FREUD, 1925, p.127).

Freud examina a pulsão a partir de quatro componentes: *meta* (ou *finalidade*), *objeto*, *fonte* e *pressão* (ou *impulso*). 1) Se a *meta* última da pulsão é a obtenção da satisfação pela via da descarga das excitações, Freud observa, por outro lado, que as pulsões podem ser *inibidas em sua finalidade* (FREUD, 1925/1996, p. 128). A satisfação pulsional é parcializada na medida em que a entrada na civilização implica adiamentos e interdições; 2) Já o *objeto* é de extrema importância, pois ele é o que há de mais variável na pulsão. Por assim dizer, o objeto é sempre mutável e nunca fixo, os objetos de satisfação das pulsões mudam ao longo da vida, na medida em que representam o objeto perdido, de maneira momentânea e finita; 3) Como *fonte* da pulsão se tem o processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental do indivíduo; 4) Seu quarto componente é a *pressão*, na medida em que a pulsão incide como ininterrupta e constante exigência de trabalho no psiquismo.

Além disso, Freud formaliza seu primeiro dualismo pulsional. De um lado, situa as *pulsões do ego*, aquelas movidas pela busca da autopreservação do eu. Do outro, as *pulsões sexuais*, que operam como exigências de obtenção de prazer. Os sintomas das neuroses de transferência são lidos como resultantes de um conflito de interesses entre esses dois pólos pulsionais. A pesquisa psicanalítica se pauta, portanto, nos efeitos das pulsões sexuais que emergem sempre de modo irreconhecível a ser interpretado nas formações do inconsciente.

No início da vida psíquica, as pulsões sexuais se apoiam nas funções de autopreservação e vão se separando delas gradativamente até alcançarem autonomia quanto à satisfação. Se se passa da parcialidade auto-erótica das pulsões para o narcisismo através de uma nova ação psíquica (FREUD, 1914/1996), Freud avança para mostrar que a pulsão é passível de sofrer destinos na dimensão narcísica e para além dela. Nessa direção, Freud (1915) define quatro destinos possíveis para a pulsão: 1- *Reversão ao seu oposto*, o qual é desdobrado a partir de duas operações: *mudança da atividade para a passividade* e *reversão de seu conteúdo*; 2- *Retorno ao próprio eu*; 3- *Recalque*; e 4- *Sublimação*.

Freud aborda o processo de *mudança da atividade para a passividade* a partir dos pares *sadismo-masiquismo* e *escopofilia-exibicionismo*. A reversão da atividade em passividade altera apenas a finalidade das pulsões. A finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). Já a operação de *transformação do conteúdo* pulsional é esclarecida transformação do amor em ódio. Nesse momento de sua obra, Freud concebe o masiquismo como um funcionamento secundário que resulta do sadismo retornado ao eu como autopunição. Essa leitura se modifica quando aborda o problema econômico do masiquismo. Isso seria análogo ao que ocorre no exibicionismo, pois depois de ver, o indivíduo se volta autoeroticamente para seu próprio corpo. Aqui, apesar da mudança do objeto, a finalidade permanece intacta. Contudo, o *retorno em direção ao próprio eu* e a *transformação da atividade em passividade* acabam por convergir e coincidir.

Freud adentra ainda mais nesse mecanismo e os decompõe em três tempos. No caso do par de opostos *sadismo-masiquismo*, tais tempos se estabeleceriam do seguinte modo: (a) O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre outra pessoa como objeto. (b) Esse objeto é abandonado ou substituído pelo eu do indivíduo. Com o retorno em direção ao próprio eu, efetua-se também a mudança de finalidade de ativa para passiva (torturar - ser torturado); e (c) Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto e com a mudança da finalidade para a passiva, a pessoa tem de assumir o papel de sujeito. O caso (c) configura o masiquismo. Aqui o sujeito estranho assumiu um papel ativo diante da mudança da finalidade pulsional. O eu a partir de uma posição agora passiva, acaba obtendo satisfação de acordo com o seu sadismo original.

Sobre a dor infligida nessa dualidade pulsional, podemos dizer que beira a sensação do prazer sexual. A partir do momento em que sentir dor se torna a finalidade pulsional masoquista, a finalidade sádica de causar dor também aparece, pois as dores que estão sendo infligidas a outras pessoas são sentidas masoquisticamente pelo sujeito através da identificação com o objeto sofredor. Portanto, não é a dor em si que está em questão e sim a satisfação sexual em jogo, o que só pode ser feito de uma forma especialmente conveniente a partir da posição sádica. A provocação da dor seria assim uma finalidade originalmente masoquista, que só pode torna-se uma finalidade pulsional em alguém que originalmente era sádico.

Freud aplica essa mesma temporalidade da gramática pulsional no exemplo do par de opostos *olhar-exibir-se (escopofilia-exibicionismo)*: (a) O olhar como atividade dirigida a um objeto estranho. (b) Desistir do objeto e olhar para o próprio corpo, com isso a transformação para a passividade e o postulado de uma nova finalidade – a de ser olhado (atividade); e (c) introdução de um novo sujeito diante do qual o sujeito se exhibe a fim de ser olhado por ele. A peculiaridade da pulsão escopofílica residiria na existência de uma fase autoerótica anterior a (a). Nessa fase existe o objeto, porém esse objeto é a própria parte do corpo do sujeito e que só mais tarde, por comparação, dirige-se ao corpo de outra pessoa.

Já a mudança de conteúdo pulsional, como vimos, é contemplada por Freud exclusivamente no fenômeno de conversão do amor em ódio. É particularmente comum encontrar o par de opostos direcionado a um mesmo objeto. Sua coexistência oferece o exemplo mais nítido do que seria a ambivalência de sentimentos. Em uma nova escansão deste artigo

metapsicológico, Freud se dedica a elucidar como o amor repercute na constituição psíquica, a partir de três pares de opostos: *amar-odiar*, *amar-ser amado* e *amor-indiferença*.

Em seguida, Freud sustenta que essas oposições precisam ser observadas a partir de três polaridades: *ego-não ego/sujeito-objeto*, *prazer-desprazer* e *ativo-passivo* – que se desdobraria ao longo da estruturação do psiquismo na oposição *masculino-feminino*. Essas três polaridades da mente estariam sempre ligadas umas às outras. Logo no começo da vida mental, o ego é depositário da libido, sendo capaz de satisfazer-se em si mesmo. Essa condição, conforme sublinha Freud, define o narcisismo, cuja forma plena de obter satisfação é autoerótica. Nesse registro, o mundo externo não tem importância, enquanto todo o prazer vem da relação do ego com ele mesmo. Se o amor se caracteriza como uma relação do ego com os objetos que lhe proporcionam prazer, a situação em que o ego ama somente a si mesmo e é indiferente ao mundo fora dele ilustra o primeiro dos opostos que encontramos para o amor (*ego-não ego*). Nessa modalidade de funcionamento, as forças e estimulações externas são experimentadas como desagradáveis. Na medida em que os objetos externos se tornam fontes de prazer, o ego os toma para si e expelle o que quer que cause desprazer. A esse respeito, assinala Freud:

“Para o ego do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte de seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após esse arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do ego coincide com o prazer, e o mundo externo com o desprazer (com o que anteriormente era indiferente)” (FREUD, 1915/1996, p. 141).

Esse processo de introjeção dos objetos do mundo externo para dentro do ego através do princípio chamado de autopreservação, e que também inaugura o odiar que já estava presente no início da relação ego-mundo externo. A indiferença surge então, como um caso especial derivado do sentimento de ódio. Assim logo no início mundo externo, objetos e o que é odiado parecem coincidir. Somente depois um objeto poderá ser percebido como fonte de prazer e então ser amado e também incorporado ao ego.

Quando a fase narcisista é ultrapassada, essa relação ego-mundo externo é então abandonada pela oposição prazer-desprazer. Se o objeto se torna fonte de prazer, estabelece-se uma urgência (*urges*) motora que procura trazer o objeto para mais perto do ego e incorporá-lo. Essa ânsia de trazer o objeto para perto seria o “amor”. Já se o objeto proporciona sensações de desprazer, há uma *urges* que busca afastá-lo o máximo possível do ego. Sentimos essa repulsão como o “ódio” ao objeto, podendo se intensificar a ponto de se estabelecer uma forma agressiva e uma intenção de destruí-lo.

Freud acentua que a dualidade *amor-ódio* só pode ser entendida a partir da relação do ego total com os objetos e não das pulsões com os objetos. O ego ama objetos que lhe geram satisfação e os odeia na tentativa de destruí-los. Essa relação não diz respeito às pulsões sexuais. As verdadeiras raízes da relação de ódio não se originariam da vida sexual, mas da luta do ego em preservar-se e manter-se e assim manter distância de tudo que lhe cause desagrado. Para Freud, o amor deriva da necessidade do ego de satisfazer autoeroticamente os impulsos pulsionais pela obtenção do prazer de órgão. É originalmente narcisista, e desloca seu investimento em um tempo posterior. Depois serão vinculados às pulsões sexuais e quando esses são totalmente sintetizados, acaba por coincidir com o impulso sexual como um todo.

As fases preliminares do amor surgem como finalidades sexuais provisórias enquanto as pulsões sexuais passam por seu complicado desenvolvimento. Reconhecemos a fase de incorporação do objeto como sendo a primeira dessas finalidades – um tipo de amor que

Freud define como não suportando a possibilidade de existência separada do objeto e por isso pode ser descrito como ambivalente. Na fase do desenvolvimento descrita como anal-sádica, o objeto aparece como uma ânsia de dominar, para qual o aniquilamento é indiferente. O amor nessas fases preliminares quase não se distingue do ódio em sua atitude para com o objeto. Somente depois de estabelecida a organização genital e de uma apropriação do sujeito como diferenciado é que o amor pode se tornar oposto ao ódio. Já o ódio na relação com os objetos é entendido como anterior ao amor, remontando ao início da constituição do ego quando este ainda é pouco afeito aos laços com o mundo externo. O ódio, porém, tem seus motivos reais e contemporâneos e pode ser forçado a uma regressão do amor perdido na fase sádica, onde o ódio adquire um caráter erótico, mantendo assim uma relação de amor, mesmo que através de outra finalidade.

A terceira antítese do amar, a transformação do amor em ser amado, corresponde à atuação da polaridade da atividade em passividade e emerge como desdobramento – a partir da inscrição da diferença sexual, que Freud, nesse texto abordará pela via da assunção da genitalidade e da função reprodutora – da instauração do *amar-se a si próprio* que o narcisismo promove.

BIBLIOGRAFIA:

FREUD, S. (1898). As neuroses de defesa. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol III.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. VII.

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FREUD, S. (1915). As pulsões e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII

GAY, P. (1989). *Freud – Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.